

mostra de cinema

tikmũ'ũn MAXAKALI

SP

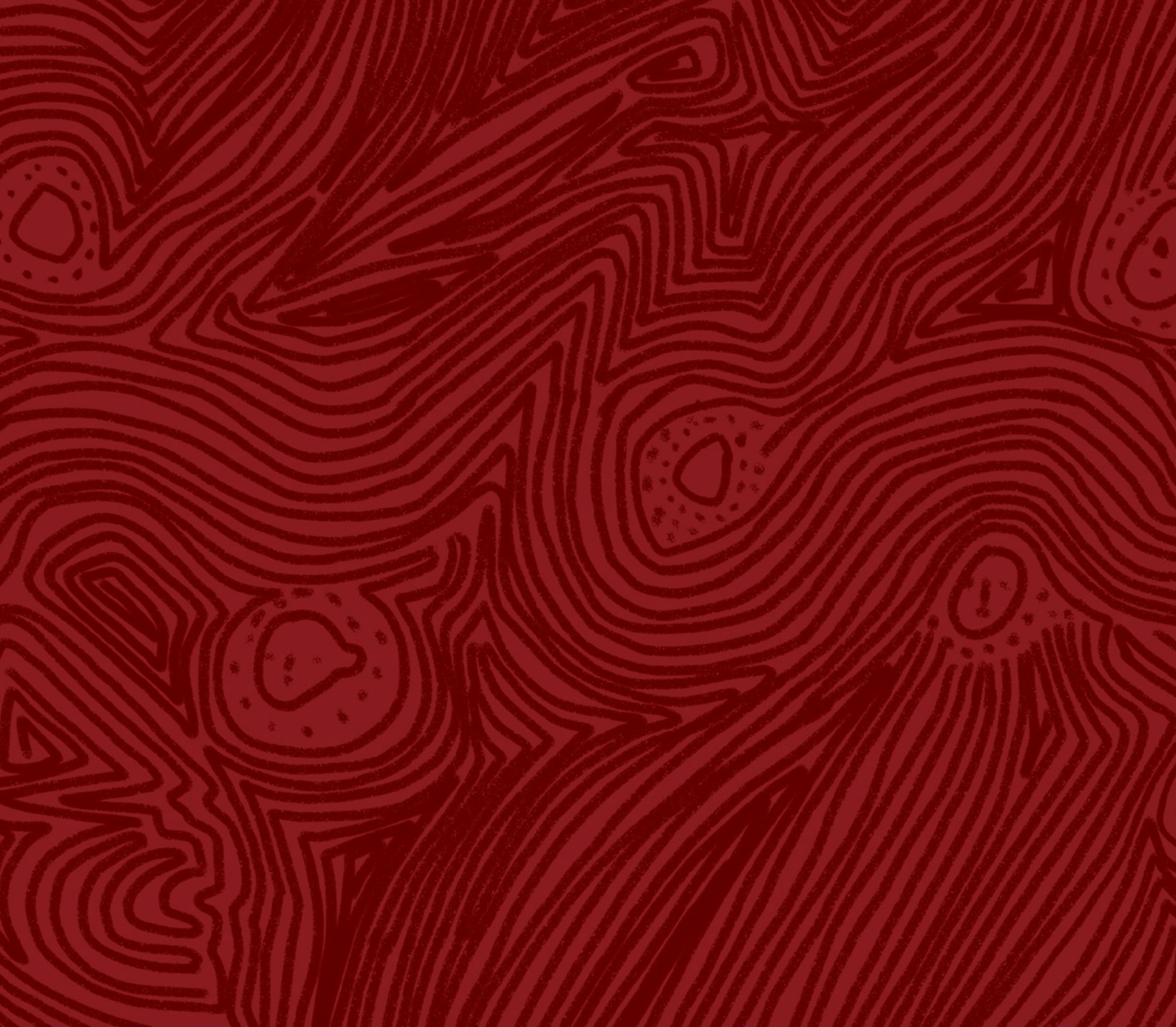
2020



05
POV

08
POV

realização: arte in vitro filmes



A proposta de **MOSTRA DE CINEMA TIKMŨ'ŪN/MAXAKALI** pretende levar a equipamentos culturais da cidade de São Paulo, com salas de cinema, uma seleção de importantes filmes indígenas de realizadores e realizadoras dessa etnia, seguido de debates presenciais e oficina proposta pelas próprias cineastas dos filmes.

Entre a crescente produção cinematográfica dos povos indígenas, cabe destacar as notáveis realizações dos cineastas Tikmũ'ũn/Maxakali, originários dos vales dos rios Jequitinhonha e Mucuri, no nordeste de Minas Gerais.

apresentação

02

Se grande parte das experiências fílmicas ditas ocidentais se concentram no ato de capturar e registrar, entre os Tikmũ'ũn/Maxakali tais experiências se constituem como gestos relacionais, em marcada continuidade com os regimes estéticos de olhar e escuta conformados nas práticas xamânicas realizadas junto aos yãmĩxop, seres encantados-cantores, povos-espírito, com quem celebram alianças xamânicas. A relação com os yãmĩxop, que visitam as aldeias para cantar, dançar, comer e curar desde os tempos imemoriais, é uma especialidade de pajés-cantores e pajés-cantoras. Frequentemente, pajés instruem as filmagens e dirigem as câmeras, tal como costumeiramente orientam a mirada das mulheres da aldeia durante os rituais, para que aprendam a “ver-escutando”, a “ver-menos”, modalidades de encontro com imagens que tem servido tão bem às produções das cineastas e fotógrafas mulheres. Assim, essas mediações das ressonâncias coletivas entre corpos, olhares e cantos feitas por pajés são especialmente evidentes os filmes-rituais ou filmes-caça/pesca, temas preferidos por realizadores e realizadoras Tikmũ'ũn/Maxakali.

Nas atividades com vídeo, necessariamente coletivas, filmam-se inúmeras vezes esses mesmos eventos, multiplicando suas versões de um modo análogo às inversões, repetições e simetrias que encontramos na composição das narrativas míticas indígenas. Assim, o produto cinematográfico final expressa apenas uma das frações da criação que se estabelece. Nesse processo, os momentos de negociação, elaboração, produção das imagens e dos encontros que essas imagens provocam são tão potentes quanto os filmes distribuídos: com o desenvolvimento de uma linguagem cinematográfica muitos rituais são feitos e refeitos, histórias, conhecimentos e saberes são recontados, lembrados, aprendidos nas longas sessões de filmagem e montagem. Desses filmes, essas experiências partilhadas entre “personagens”, cineastas, pajés e yãmĩxop, emergem ainda novos encontros com outros grupos indígenas e também com o mundo dos brancos, multiplicando os territórios cosmopolíticos em que tais imagens são produzidas e circulam.

Esta proposta consiste em promover uma experiência de partilha de olhares entre pajés e cineastas Maxakali / Tikmũ'ũn e novos aliados na cidade de São Paulo, indígenas e não-indígenas. Após dez anos de intensas atividades com o cinema, com a produção de dezenas de filmes – muitos já premiados, mas muitos ainda inéditos, além de um grande corpus de imagens não finalizadas, em permanente edição e visionagem nas aldeias, também esperando olhares de fora delas – podemos ter acesso a um modo particular de estabelecer relações, produzir e partilhar saberes e memória por meio do olhar e da escuta – especialidade de pajés, e, agora, de cineastas.

A apreciação desses filmes como um conjunto, bem como os debates e oficina que compõem essa mostra, poderão criar um contexto para que o público da cidade de São Paulo apreenda o fazer cinematográfico como estratégia de partilha do sensível e encontro com a diferença, como praticam realizadores e realizadoras Tikmũ'ũn/Maxakali. Junto à oficina, há a meta da atualização de equipamentos do Coletivo de Cinema Maxakali, por computador adquirido para arquivamento dos filmes e edição de novos projetos, em troca entre os realizadores indígenas convidados.

03

cine ma maxakali

Após o violento processo de colonização da região do Vale do Mucuri (Minas Gerais, Brasil), e diante de um tratamento não só precário mas abusivo por parte do Estado e da sociedade envolvente, os Tikmũ'ũn/Maxakali parecem

elaborar modos radicais de existir em sobrevivência frente à hostilidade de seu entorno. Além de manter vivo seu idioma, eles mantêm um corpus mítico-sonoro com dezenas de rituais e milhares de cantos que celebram e atualizam relações com seres encantados-cantores da Mata Atlântica – os yãmĩy –, e descrevem, permitindo experiências xamânicas por dias e noites a fio, com exuberância de detalhes, animais, plantas, lugares e eventos que dão vida a seus territórios contaminados e devastados pelo avanço das pastagens. A despeito do processo atroz de invasão de seus territórios e da violência que ainda hoje marca a relação do Estado e da sociedade do entorno, eles mantêm sua cultura em fluxo e, na última década, tem organizado inúmeros projetos de cinema e oficinas audiovisuais, apontando para novas formas de estabelecer alianças e trocas de saberes dentro e fora das aldeias.

A arte não é política pelas mensagens e sentimentos que transmite sobre a ordem do mundo. Ela também não é política pelo seu modo de representar as estruturas da sociedade, os conflitos ou as identidades dos grupos sociais. Ela é política pela distância que toma em relação a essas funções, pelo tipo de tempo e de espaço que institui, pelo modo como recorta esse tempo e povoa esse espaço. [...] A política, de fato, não é o exercício do poder, ou a luta pelo poder. É a configuração de um espaço específico, a partilha de uma esfera particular de experiência, de objetos colocados como comuns e originários de uma decisão comum, de sujeitos reconhecidos como capazes de designar esses objetos e argumentar a respeito deles. [...] a política é o próprio conflito sobre a existência desse espaço, sobre a designação de objetos concernentes à maioria e de sujeitos capazes de uma palavra comum. [...] Essa distribuição e essa redistribuição dos lugares e das identidades, esse corte e recorte dos espaços e dos tempos, do visível e do invisível, do barulho e da palavra constituem o que chamo de partilha do sensível. A política consiste em reconfigurar a partilha do sensível que define o comum de uma comunidade, em nela introduzir novos sujeitos e objetos, em tornar visível o que não era visto e fazer ouvir como falantes os que eram percebidos como animais barulhentos.

Nesse sentido, portanto, o cinema se aproximaria de uma experiência xamânica, política, diplomática, de experimentação de corpos, lugares, de construção do real e promoção de encontros, uma forma de inscrever-se no mundo e ao mesmo tempo viver. É uma experiência compartilhada, na qual emergem lugares políticos – ou cosmopolíticos – que se colocam em jogo na constituição das aldeias e nas relações internas e externas – com o "mundo dos brancos", com outros grupos indígenas, com os yãmĩy. A partir do material já produzido por realizadores Maxakali / Tikmũ'ũn, ao longo de mais de uma década, talvez seja interessante apreciar suas obras como conjunto, apreender suas experiências cinematográficas como estratégia de inclusão e inscrição, partilha do sensível, encontro com a diferença.

programação



06

07

programação

cine

sessão
cine-caça-ritual

- Caça

08



- ritual

09

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Sed quis gravida quam. Sed massa turpis, condimentum sed metus in, elementum elementum odio. Nulla ut augue in eros ultricies fringilla. Nullam commodo, elit vulputate scelerisque porttitor, lorem orci ultrices lacus, ut interdum risus est ac ligula. Praesent condimentum elementum rhoncus. Pellentesque gravida placerat volutpat. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Aliquam erat volutpat. Suspendisse eget risus vel est ullamcorper fermentum. Sed hendrerit tortor non orci dapibus semper. Vivamus placerat venenatis orci, et tristique orci bibendum non. Ut mollis ex quis eros bibendum mattis. Curabitur id sapien vel dui efficitur rhoncus eget imperdiet est. sed ipsum quis, venenatis finibus nulla. Nullam at diam sit amet nisl sodales ultrices ac in ante. Nunc sollicitudin eget tellus sit amet congue. Morbi at erat sapien. Mauris venenatis lacinia lobortis.

Popxop

sinopse

Quando as mulheres sentem saudades, convocam seus filhos-Popxop, os Macaco-Yãmĩy para vir cantar na aldeia por um longo período. Com eles se banham, cantam e dançam, e trocam comida por cantos que revelam e reanimam a mata atlântica e seus milhares de seres. Fortalecidos pela presença dos Yãmĩy, os Tíkmũ'ũn então se despedem chorando as lembranças que devem ir embora com seus aliados encantados até o próximo retorno. Com os cantos, o choro e o riso trazem cura à aldeia ao mesmo tempo em que curam o mundo.

Caçando Capivara

sinopse

Caçadores Tíkmũ'ũn saem com seus cães e espíritos aliados em busca da capivara. Cantos, olhares e eventos. Intensidades que se agitam sob um plano de aparente silêncio.



Direção:

Ana Estrela e
Natalino Maxakali;

Roteiro:

Ana Estrela, Manoel Damásio
Maxakali e Arnalda Maxakali;

Filmagem:

Ana Estrela, Anísia Maxakali,
Arnalda Maxakali, Jacinto
Maxakali, Natalino Maxakali,
Vanessa Maxakali;

Edição:

Ana Estrela, Anísia Maxakali,
Arnalda Maxakali, Miguelzinho
Maxakali, Natalino Maxakali;

Legendagem e Tradução dos

Cantos:

Ana Estrela, Antônio Marcos
Maxakali, Arnalda Maxakali,
Israel Maxakali, Manoel
Damásio Maxakali, Marilton
Maxakali, Marquinhos

Maxakali, Miguelzinho

Maxakali, Natalino Maxakali,
Pequi Maxakali.

Narração:

Adriana Maxakali, Bilza
Maxakali, Edna Maxakali,
Manoel Damásio Maxakali;
Trilha sonora, Produção e

Realização:

Popxop, Aldeia Nova Vila.

Direção:

Derli Maxakali, Marilton
Maxakali, Juninha Maxakali,
Janaina Maxakali, Fernando
Maxakali, Joanina Maxakali,
Zé Carlos Maxakali, Bernardo
Maxakali, João Duro Maxakali

Fazendo

sessão
fazendo território



território

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Sed quis gravida quam. Sed massa turpis, condimentum sed metus in, elementum elementum odio. Nulla ut augue in eros ultricies fringilla. Nullam commodo, elit vulputate scelerisque porttitor, lorem orci ultrices lacus, ut interdum risus est ac ligula. Praesent condimentum elementum rhoncus. Pellentesque gravida placerat volutpat. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Aliquam erat volutpat. Suspendisse eget risus vel est ullamcorper fermentum. Sed hendrerit tortor non orci dapibus semper. Vivamus placerat venenatis orci, et tristique orci bibendum non. Ut mollis ex quis eros bibendum mattis. Curabitur id sapien vel dui efficitur rhoncus eget imperdiet est. sed ipsum quis, venenatis finibus nulla. Nullam at diam sit amet nisl sodales ultrices ac in ante. Nunc sollicitudin eget tellus sit amet congue. Morbi at erat sapien. Mauris venenatis lacinia lobortis.

2013 – 1h54'

Cosmopista Maxakali – Pataxó

sinopse

O vídeo foi realizado a partir de registros realizados em julho e agosto de 2013 por uma equipe de representantes Maxakali e Pataxó - cineastas indígenas e pajés - e pesquisadores não-indígenas, durante uma viagem por parte de seus territórios ancestrais. O vídeo dá mostras de parte das experiências ocorridas pelo trajeto entre o território Maxakali do Pradinho (Bertópolis-MG), no extremo nordeste de Minas Gerais, e os territórios Pataxó de Barra Velha e da Reserva da Jaqueira (Porto Seguro - BA), localizadas no litoral sul da Bahia. O trânsito por diferentes regiões atualmente ocupadas pela sociedade nacional, mas outrora percorridas incessantemente por esses povos, ainda é atualizado pelos Maxakali. Desse modo, eles continuam percorrendo continuamente aquele que era anteriormente um território ocupado por todos aqueles seres que povoam seus cantos e relatos míticos, animais, plantas, seres-extraordinários, outros povos com os quais mantinham contato - entre eles os povos-papagaio, os Putuxop, ou Pataxó.



Realização:

Josemar Maxakali, Marilton
Maxakali, Bruno Vasconcelos;

Seleção de cantos:

Toninho Maxakali, Josemar
Maxakali, Marilton Maxakali,
Zé Antoninho Maxakali,
Bruno Vasconcelos;

Seleção de imagens:

Josemar Maxakali, Marilton

Maxakali, Bruno Vasconcelos;

Tradução:

Josemar Maxakali,
Marilton Maxakali;

Som direto dos cantos e

depoimentos dos pajés:

Leonardo Pires Rosse;

Fotografia:

Josemar Maxakali, Marilton
Maxakali, Bruno Vasconcelos;

Montagem e finalização:

Bruno Vasconcelos;

Pesquisa e produção:

Ricardo Jamal;

Coordenação:

Rosângela de Tugny;

Realização:

ProdocSon - Museu do Índio

Fazendo

sessão
fazendo corpo



16

corpo

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Sed quis gravida quam. Sed massa turpis, condimentum sed metus in, elementum elementum odio. Nulla ut augue in eros ultricies fringilla. Nullam commodo, elit vulputate scelerisque porttitor, lorem orci ultrices lacus, ut interdum risus est ac ligula. Praesent condimentum elementum rhoncus. Pellentesque gravida placerat volutpat. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Aliquam erat volutpat. Suspendisse eget risus vel est ullamcorper fermentum. Sed hendrerit tortor non orci dapibus semper. Vivamus placerat venenatis orci, et tristique orci bibendum non. Ut mollis ex quis eros bibendum mattis. Curabitur id sapien vel dui efficitur rhoncus eget imperdiet est. sed ipsum quis, venenatis finibus nulla. Nullam at diam sit amet nisl sodales ultrices ac in ante. Nunc sollicitudin eget tellus sit amet congue. Morbi at erat sapien. Mauris venenatis lacinia lobortis.

17

Yãmĩy Batiza Crianças

s i n o p s e

Enquanto as brumas da madrugada se dissipam, os Yãmĩyxop chegam na aldeia e tomam as crianças Maxakali / Tìkmũ'ũn carregando-as penduradas em suas costas. Faz-se necessário acordar o rio e amansá-lo para que banhe e batize os novos homens que agora passarão a frequentar a casa dos cantos. O filme expõe uma parcela do delicado sistema educacional Tìkmũ'ũn.



Direção:
Ismail Maxakali;
Fotografia:
Ismail Maxakali,
Josemar Maxakali;
Montagem:
Ana Estrela,
Ismail Maxakali,
Marilton Maxakali;
Som:
Ismail Maxakali,

Josemar Maxakali;
Produção:
INCTI (Inclusão no Ensino
Superior e na Pesquisa)

iniciação dos filhos dos espíritos da Terra

s i n o p s e

Os meninos da Aldeia Verde Tìkmũ'ũn (Maxakali) são inciados pelos espíritos que vivem na terra. A partir de agora eles poderão frequentar o kuxex (casa de religião), conviver, alimentar e aprender com os Yãmĩyxop.



Direção e fotografia:
Isael Maxakali;
Montagem:
Isael Maxakali,
Carolina Canguçu,
Sueli Maxakali;
Som:
Isael Maxakali;
Produção:
Aldeia Verde

2009 – 21'

tatakox Vila Nova

sinopse

Quando as mulheres sentem saudade das suas crianças que morreram pequenas, os Tatakox vão buscá-las e trazem-nas às aldeias para que as mães as vejam. Com a filmadora nós pudemos ver de onde os Tatakox tiram as crianças. Depois, no mesmo dia, os meninos vivos da aldeia são levados por de suas mães pelos espíritos para ficar na casa dos homens e aprender.



20

21

Direção:

Derli Maxakali,
Marilton Maxakali,
Juninha Maxakali,
Janaina Maxakali, Fernando
Maxakali, Joanina Maxakali,
Zé Carlos Maxakali, Bernardo
Maxakali, João Duro Maxakali.

Fotografia:

Derli Maxakali, Marilton
Maxakali, Juninha Maxakali,

Janaina Maxakali, Fernando
Maxakali, Joanina Maxakali,
Zé Carlos Maxakali, Bernardo
Maxakali, João Duro Maxakali.

Montagem:

Mari Corrêa.

Som:

Derli Maxakali, Marilton
Maxakali, Juninha Maxakali,
Janaina Maxakali, Fernando
Maxakali, Joanina Maxakali,

Zé Carlos Maxakali, Bernardo
Maxakali, João Duro Maxakali.

Coordenação:

Rosângela Pereira de Tugny.

Produção:

Rafael Barros e Renata Otto.

m e m ó r i a

sessão
memória



22

m e m ó r i a

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Sed quis gravida quam. Sed massa turpis, condimentum sed metus in, elementum elementum odio. Nulla ut augue in eros ultricies fringilla. Nullam commodo, elit vulputate scelerisque porttitor, lorem orci ultrices lacus, ut interdum risus est ac ligula. Praesent condimentum elementum rhoncus. Pellentesque gravida placerat volutpat. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Aliquam erat volutpat. Suspendisse eget risus vel est ullamcorper fermentum. Sed hendrerit tortor non orci dapibus semper. Vivamus placerat venenatis orci, et tristique orci bibendum non. Ut mollis ex quis eros bibendum mattis. Curabitur id sapien vel dui efficitur rhoncus eget imperdiet est. sed ipsum quis, venenatis finibus nulla. Nullam at diam sit amet nisl sodales ultrices ac in ante. Nunc sollicitudin eget tellus sit amet congue. Morbi at erat sapien. Mauris venenatis lacinia lobortis.

23

grin

sinopse

Um cineasta maxakali resgata memórias sobre a formação da Guarda Rural Indígena (Grin) durante a ditadura militar, com relatos das violências sofridas pelos seus parentes.

No processo de realização do filme, entrevistas coletadas pelos diretores foram repassadas ao Ministério Público de MG em pedido de indenização aos povos originários pelo sofrido durante a Ditadura Militar. Essa ação auxiliou em processo junto aos Krenak; seguimos agora tentando reconhecimento junto aos Maxakali. "Hãmxomã'ax hitap xop yãgmũg putox kopa pip apia xaxok putup'ah. Kutex ũgmũyõg nõ'õm apxaxok putup'ah." "O passado ainda é. O passado insiste em ser. Cantamos e o que é nosso não é esquecido."`

**Produção Executiva:**

Luara Oliveira, Fabiana Übida
Montagem/ Roteiro/ Prod.

Executiva:

Alexandre Taira
Pesquisa / Argumento:
Rosí Araújo

Fotografia:

Andre Luiz de Luiz

Direção de Produção:

Vinícius Casimiro

Som direto/ Ass. de Produção:

Cecília Engels

Mixagem:

Eric Ribeiro Christani

Direção:

Roney Freitas

Co-direção:

Isael Maxakali e Sueli Maxakali

konãgxeka:
o Dilúvio Maxakali

sinopse

Konãgxeka na língua indígena maxakali quer dizer "água grande". Trata-se da versão maxakali da história do dilúvio. Como um castigo, por causa do egoísmo e da ganância dos homens, os espíritos yãmîy enviam a "grande água". Trata-se de um filme indígena. Um dos diretores é representante do povo indígena Maxakali, de Minas Gerais. Filme falado em língua Maxakali, com legenda. O argumento do filme é o mito diluviano do povo Maxakali. As ilustrações para o filme foram feitas por indígenas Maxakali, durante oficina realizada na Aldeia Verde Maxakali, no município de Ladainha, Minas Gerais.

**Direção:**

Charles Bicalho e
Isael Maxakali

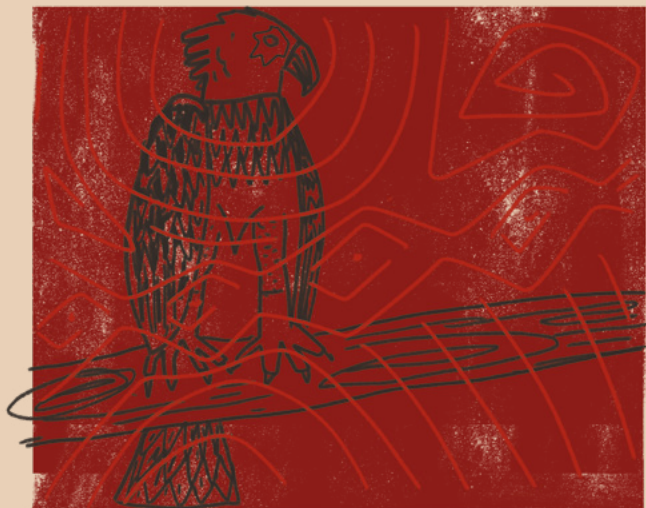
Elenco:

Cassiano Maxakali,
Elizângela Maxakali,
Isael Maxakali,
Sueli Maxakali

Ũn ka'Ok -

sessão
Ũn ka'ok - mulheres Fortes

26



mulheres Fortes

27

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Sed quis gravida quam. Sed massa turpis, condimentum sed metus in, elementum elementum odio. Nulla ut augue in eros ultricies fringilla. Nullam commodo, elit vulputate scelerisque porttitor, lorem orci ultrices lacus, ut interdum risus est ac ligula. Praesent condimentum elementum rhoncus. Pellentesque gravida placerat volutpat. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Aliquam erat volutpat. Suspendisse eget risus vel est ullamcorper fermentum. Sed hendrerit tortor non orci dapibus semper. Vivamus placerat venenatis orci, et tristique orci bibendum non. Ut mollis ex quis eros bibendum mattis. Curabitur id sapien vel dui efficitur rhoncus eget imperdiet est. sed ipsum quis, venenatis finibus nulla. Nullam at diam sit amet nisl sodales ultrices ac in ante. Nunc sollicitudin eget tellus sit amet congue. Morbi at erat sapien. Mauris venenatis lacinia lobortis.

2019 – 25'

Kotuphi Vila Nova

s i n o p s e

Filme-ritual de Kotkuphi, “Fibra da mandioca – Yãmĩy”, da Aldeia Vila Nova.



28

2019 – 77'

Yãmĩyhex: as mulheres - espírito

s i n o p s e

Após passarem alguns meses na Aldeia Verde, as yãmĩyhex (mulheres-espírito) se preparam para partir. Os cineastas Sueli e Isael Maxakali registram os preparativos e a grande festa para sua despedida. Durante os dias de festa, uma multidão de espíritos atravessa a aldeia. As yãmĩyhex vão embora, mas sempre voltam com saudades dos seus pais e das suas mães.



29

Direção e fotografia:
Sueli Maxakali e
Isael Maxakal

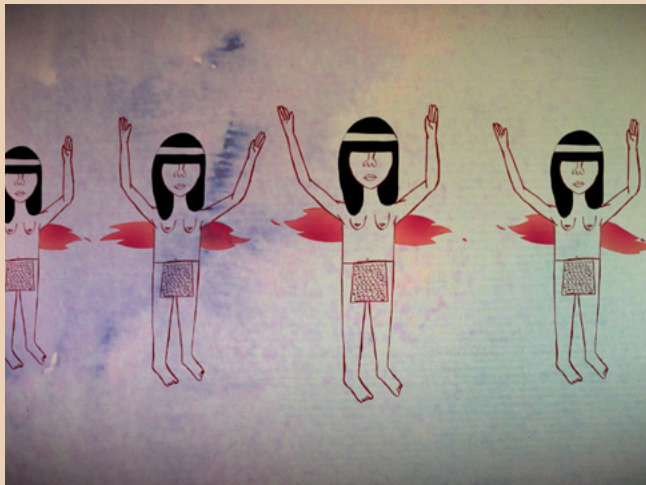
2020 – 14'

Matanag



s i n o p s e

A índia Mātānāg segue o espírito de seu marido, morto picado por uma cobra, até a aldeia dos mortos. Juntos eles superam os obstáculos que separam o mundo terreno do mundo espiritual.



Direção:

Shawara Maxakali e
Charles Bicalho

Fotografia:

Jackson Abacatu

Roteiro:

Pajé Totó Maxakali e
Charles Bicalho

Direção de arte:

Charles Bicalho,
Comunidade Maxakali de

Aldeia Verde,
Jackson Abacatu

Produção:

Charles Bicalho,
Cláudia Alves, Marcos
Henrique Coelho

Empresa Produtora:

Pajé Filmes

Elenco:

Alexandre Maxakali, Ariston
Maxakali, Cassiano Maxakali.

Sobre os diretores:

Shawara Maxakali é indígena da Aldeia Verde Maxakali em Ladainha (MG), desenhista e diretora estreante. Charles Bicalho possui doutorado em Estudos Literários (UFMG) e tem especialização em Pós-Produção para Cinema, TV e Novas Mídias (UNA/BH).

SHAWARA

live

Muitas vezes, quando da chegada de certos espíritos na aldeia, as mulheres Tíkmũ'ün/Maxakali se escondem para evitar que o seu olhar caia sobre os yãmĩxop, inclusive vedando as frestas das casas.

Ũn ka'ok koxuk - imagens das mulheres fortes

32

Em alguns rituais elas chegam a deixar a aldeia para que eles entrem sem serem vistos. Quando se está na aldeia, o cuidado em não ver os espíritos é mostrado de forma ostensiva por todas as mulheres. Tais interdições ressaltam a força do olhar feminino, bem como a importância do lugar da mulher.

Nessa mirada sobre como perceber secretamente o segredo é que se estrutura a discussão destas lives por mulheres convidadas e mediadoras, à discussão dos filmes a partir das imagens realizadas por mulheres Tíkmũ'ün/Maxakali das aldeias de Pradinho e Aldeia Verde. Devido ao isolamento nas aldeias por conta da situação de pandemia, houve a impossibilidade da conexão direta com as realizadoras cinegrafistas e fotógrafas das aldeias, serão propostos então debates com participantes especialistas que viveram e trabalharam com tais realizadoras nesses territórios.

MEDIADORAS:

Ana Carolina Estrela e Paula Berbert (São Paulo - SP) | biografia das mediadoras na seção ORGANIZAÇÃO & MEDIAÇÃO

convidadas

Geralda Soares
(Araçuaí / MG)

Estudiosa do Jequitinhonha (MG), viveu por décadas com diferentes comunidades indígenas, acompanhando os Maxakali/Tíkmũ'ün através de gerações. Uma das mais profundas conhecedoras e atuantes indigenistas do país, é uma grande especialista na história da ocupação das regiões dos rios Jequitinhonha e Mucuri, em Minas Gerais.

Mari Corrêa
(São Paulo / SP)

Cineasta, produtora e editora de documentários. Co-editora de Vídeo nas Aldeias ONG 1998-2009 onde desenvolveu e coordenou um programa de formação de realizadores indígenas. Em 2009 fundou o Instituto Catitu-Aldeia em Cena.

Cristine Takuá
(T. I. Ribeirão Silveira - São Sebastião - SP)

Professora e artesã indígena do povo Maxakali. Formada em Filosofia pela UNESP, ministra aulas de Filosofia, Sociologia, História e Geografia na E.E. Indígena Txeru Ba'e Kua-I, DER Santos. É fundadora e diretora do Instituto Maracá e foi representante por São Paulo na Comissão Guarani Yvyrupa (2016-2019).

33

programação das lives

durante os dias de exibição dos filmes na sala do CCSP e livre acesso posterior, como vídeo gravado no canal de YouTube do CCSP (a se certificar)

LIVE 1:

Cine Tíkmũ'ün /
Maxakali:
Mari Corrêa
conversa com
Ana Estrela

LIVE 2:

Cine Tíkmũ'ün /
Maxakali:
Geralda Soares
conversa com Ana
Estrela e Paula
Berbert

LIVE 3:

Cine Tíkmũ'ün /
Maxakali:
Cristine Takuá
conversa com
Paula Berbert

currí- culos e Ficha técnica

arte in vitro
filmes

www.
arteinvitro
filmes
.com

A ARTE IN VITRO PRODUÇÕES CULTURAIS LTDA - ME, de nome fantasia Arte in Vitro Filmes, foi criada em 2011, na cidade de São Paulo. Viabiliza projetos próprios e de realizadores independentes. Além de filmes reconhecidos em festivais, produziu em 2015 a Mostra de Cinema Bit nas salas de cinema do Centro Cultural São Paulo, com realização conjunta de sessões ao ar livre no Jardim do CCSP e no Mirante Nove de Julho. Ainda em parceria com o CCSP, em 2017, co-produziu o evento Relembrando Ricardo Piglia; em 2018, junto ao Goethe-Institut, apresentou a mostra Imagens para o Futuro: Alemanha Oriental no cinema; e em 2019 produziu a mostra The French Scorsese – o Cinema de Jacques Audiard.

convidados & convidadas

Isael Maxakali

Membro do coletivo audiovisual Pajé Filmes, desde sua fundação em 2008 e atua como professor Indígena na Escola Estadual Isabel Silva, na Aldeia Verde (Reserva Maxakali), em Ladainha/MG. Com uma vasta filmografia, o cineasta indígena dirigiu os filmes “Tatakox” (2007); “Xokxop pet” (2009); “Yíax Kaax – Fim do Resguardo” (2010); “Xupapoyñāg” (2011); “Kotkuphi” (2011); “Yāmîy” (2011); “Mímānām” (2011); “Quando os yāmîy vêm cantar conosco” (2012); “Kakxop pit hāmkoxuk xop te yūmūgāhā” (“Iniciação dos filhos dos espíritos da terra”, 2015) e “Konāgxeka: o Dilúvio Maxakali” (2016). Atualmente, é vereador na cidade de Ladainha (MG) e participa, como professor, do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG.

Juninha Maxakali

Cineasta em formação, é uma grande representante do cinema feminino. Participou da primeira oficina de cinema no Pradinho, em 2008, que resultou em filmes premiados, e dez anos depois, retorna às atividades com o cinema através do Coletivo de Cinema Maxakali do Pradinho, na Aldeia Maravilha.

Marilton Maxakali

Professor e cineasta, participou de diversas oficinas de cinema no Pradinho, que resultou em filmes premiados. Realizou trabalhos com o Museu do Índio / FUNAI, e em diversos projetos com a Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade de São Paulo. Atualmente, mantém suas atividades com o cinema através do Coletivo de Cinema Maxakali do Pradinho, na Aldeia Maravilha.

Santinha Maxakali

Artesã e cineasta em formação, tem se revelado uma das mais talentosas realizadoras femininas. Realiza suas atividades com o cinema através do Coletivo de Cinema Maxakali do Pradinho, na Aldeia Maravilha.

Shawara Maxakali

Artesã e cineasta em formação. Realiza suas atividades com o cinema através do coletivo de cinema Maxakali de Ladainha, em Aldeia Verde.

Suely Maxakali

Presidente da Associação Maxakali de Aldeia Verde. Fotógrafa, participou dos projetos: Hitupmā'ax/Curar (Faculdade de Letras da UFMG e Literaterras, 2009), livro bilíngue dedicado às práticas de saúde e cura sob a perspectiva dos Tikumū'ūn (Maxakali); Koxuk Xop Imagem (Beco do Azougue Editorial, 2009), com fotografias das mulheres maxakali sobre os rituais e o cotidiano da Aldeia Verde; Cantobrilho tikumu'un: no limite do país fértil (2010), projeto de exposição e livro em torno da estética tikumū'ūn. Faz fotografia still e assistência de direção nos filmes de Isael Maxakali. Atualmente participa, como professora, do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG.

organiza ção & media ção

Ana Carolina Estrela da Costa

(São Paulo / SP)

Doutoranda em Antropologia na Universidade de São Paulo e pesquisadora do Centro de Estudos Ameríndios – CestA. Realiza pesquisa e oficinas de produção de filmes e formação de cineastas com os Maxakali / Tíkmũ'ũn nas Terras Indígenas da Aldeia Verde, Pradinho e Cachoeirinha desde 2010, fala o idioma e é uma das idealizadoras do Coletivo de Cinema Maxakali / Tíkmũ'ũn do Pradinho.

Paula Berbert

(São Paulo / SP)

Antropóloga e produtora cultural. No mestrado na UFMG pesquisou junto aos Tíkmũ'ũn_Maxakali de Aldeia Verde história de sua relação com o Estado, com ênfase nas memórias sobre a Guarda Rural Indígena e Reformatório Krenak. Especialista em Práticas Curatoriais pela FAAP, atualmente trabalha também no campo da arte indígena contemporânea.

Roney Freitas

(São Paulo / SP)

Bacharel em Audiovisual pela ECA-USP, Roney é autor dos curtas “Laurita” (2009) e “Aurora” (2011), selecionado em diversos festivais nacionais e internacionais, acumulando prêmios de direção, roteiro, montagem e público. Ministrou cursos de roteiro na Biblioteca de Cinema Roberto Santos (SP), no Centro Cultural São Paulo e na Academia Internacional de Cinema (SP). Roteirista da animação “Canta, TY-ETÉ” realizado pelo Núcleo Paulistano de Animação (NUPA), destaque Vimeo Staff Picks (NY). Diretor do curta documentário, “Memória de rio” (2013). Em 2017 estreou seu último trabalho, “GRIN”, em parceria com o cineasta Isael Maxakali.





realização: arte in vitro filmes



| Secretaria de
Cultura e Economia Criativa